

## **A LEITURA EM TRÊS NÍVEIS: UM CAMINHO PARA A PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO SUPERIOR**

LÉA SÍLVIA BRAGA DE CASTRO SÁ (UNIVERSIDADE SAGRADO CORAÇÃO - BAURU), ADRIANE BELLUCI BELÓRIO DE CASTRO (USC/FATEC-BT), CINTHIA MARIA RAMAZZINI REMAEH (UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO), HELENA AP. GICA ARANTES (UNIVERSIDADE SAGRADO CORAÇÃO).

### **Resumo**

Numa concepção sociocognitivo-interacional, o sentido do texto é construído, levando-se em consideração as pistas deixadas pelo autor e os conhecimentos do leitor. A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto. Esta atividade implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação. Compreender não é apenas uma ação linguística ou cognitiva, mas uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e de uma sociedade. A escrita, assim como a leitura, é um processo em constante construção e com ela mantém uma estreita relação. Era de se esperar que, no Ensino Superior, tais habilidades deveriam manifestar-se em níveis mais elaborados, por ser este um período de maturidade intelectual. No entanto, o que observamos é o ingresso de um jovem que, na maioria das vezes, começa, na Universidade, o seu real despertar para uma leitura em nível vertical e uma escrita de qualidade. Prova disso são os projetos de "nivelamento" presentes em muitas instituições de Ensino Superior. Cientes deste fato, numa jornada de mais de dez anos junto a alunos de diferentes áreas em uma universidade particular do interior de São Paulo, optamos por construir um caminho de formação do leitor/escritor (Os degraus da leitura e Os degraus da produção textual). A partir do repertório do universitário, viabilizamos um direcionamento de seu olhar por textos de diferentes gêneros e níveis gradativos de dificuldade, culminando com produções escritas em que a coerência e a coesão passam a ocupar seu verdadeiro lugar. Um processo de desconstrução que gera uma nova construção. Assim, nosso objetivo nesta comunicação consiste em socializar esse método de formação de um leitor/escritor crítico.

### **Palavras-chave:**

Leitura, Produção textual, Ensino Superior.

## **INTRODUÇÃO**

A escrita, assim como a leitura, é um processo em constante construção, e com ela mantém uma estreita relação. Numa concepção sociocognitivo-interacional, o sentido do texto é construído, levando-se em consideração as pistas deixadas pelo autor e os conhecimentos do leitor. A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto. Esta atividade implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação. Compreender não é apenas uma ação linguística ou cognitiva, mas uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e de uma sociedade. Apesar disso, após anos de estudos regulares desenvolvidos durante sua vida escolar, o universitário chega ao ambiente acadêmico sem saber redigir com adequação e mal desejando ler sua própria língua de modo corrente. É forçoso reconhecer que as falhas residem nos métodos e processos de ensino do

idioma. Assim, nosso objetivo neste artigo consiste em socializar um método de formação de um leitor/escritor crítico.

## LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL: RELAÇÕES DE SENTIDO NA SOCIEDADE

O que significa ler?

**Se buscarmos a etimologia da palavra ler, do latim *legere*, encontraremos vários significados:**

- Contar, enumerar as letras (o primeiro estágio - a alfabetização)
- Colher (colher o sentido - interpretar)
- Roubar (acrescentar ao texto outros sentidos).

O grego, também, para exprimir a ideia de ler, possui mais de uma dezena de verbos, com nuances de significados diferentes:

- verbos como *nemein* e seus compostos (*ananemein*, *epinemein*) significam ler no sentido de "distribuir" o conteúdo da escrita, implicando por isso mesmo uma leitura oral, "ler em voz alta";
- *anagignoskein* designa o ler como momento do "reconhecer", de "decifrar" as letras e suas sequências em sílabas, palavras e frases;
- e os verbos que utilizam metáforas particulares, *dierchomai* e *diexeimi*, "percorrer", acabam por referir-se a um texto "percorrido", isto é, "atravessado do começo ao fim" com muita atenção e em profundidade.

Como vemos, a leitura é uma atividade complexa, plural, que se desenvolve em várias direções. É uma operação de percepção, de identificação e de memorização de signos. É uma prática encarnada por gestos, espaços e hábitos. Depois que o leitor percebe e decifra os signos, ele tenta entender do que se trata. Longe de ser uma recepção passiva, a leitura apresenta-se como uma interação produtiva entre o texto e o leitor. O texto não pode abrir mão da contribuição do leitor, contenta-se em dar indícios; é ao leitor que cabe construir o sentido global da obra; é ele que colhe, no tecido (*textum*), os fios que, tecidos, vão constituir suas histórias de leitura. É propondo a seu leitor um certo número de convenções que o texto programa sua recepção. É o famoso "pacto de leitura". Orientado pelo contrato de leitura, o leitor constrói sua recepção, apoiando-se nos espaços de certeza fornecidos pelo texto. Esses pontos de ancoragem delimitam a leitura e a impedem de se perder em qualquer direção.

Por isso, como Barthes (1973), podemos comparar o leitor a uma aranha que, ao mesmo tempo que tece, segrega a substância com a qual vai tecendo sua teia. Assim também é o leitor. À medida que lê e projeta sobre o texto seu conhecimento de mundo, seu conhecimento textual linguístico, vai tecendo com o outro, através do texto, sua individualidade.

A leitura é sempre produção de sentido. Não é encontrar o sentido desejado pelo autor; é constituir e não reconstituir um sentido. É uma revelação pontual de uma polissemia do texto. Não é apenas a recepção de textos, mas a ação sobre eles. O autor codifica (ou constrói); o leitor o decodifica (ou desconstrói) no processo de

análise e o recodifica (ou reconstrói) no processo de compreensão e interpretação, de acordo com sua individualidade e cultura.

Como diz Bertrand (2003, p. 413):

[...] o leitor, ao ler, atualiza o texto e o seu sentido, de acordo ou não com suas expectativas e previsões advindas de sua competência linguística e cultural. Mas o texto também procura e cria o seu leitor: ele o inventa o mais próximo possível da linguagem, na sua substância e nas suas formas, suscitando a dúvida, a inquietude e a surpresa. Por meio da diversidade dos modos de crença que a leitura propõe, eis que se encontram, invertidas, a experiência sensível da língua e a experiência cultural do mundo.

Ler um texto é pôr em ação todo o conhecimento de mundo. É fazer emergir a biblioteca vivida, a memória de leituras anteriores e de dados culturais. A leitura é uma estratégia do afrontamento e da manipulação. É uma interação produtiva, dinâmica, entre o texto e o leitor. É uma revelação pontual de uma polissemia do texto, como afirma Goulemot (*apud* CHARTIER, 2001, p.108).

A recepção de um texto se organiza em torno de dois polos que podemos chamar, como M.Otten, de "espaços de certeza" e "espaços de incerteza" e, de acordo com Hamon, "legível" e "ilegível" (*apud* JOUVE, 2002, p. 66).

Os "espaços de certeza" - o legível - são os pontos de ancoragem da leitura, as passagens mais explícitas de um texto, aquelas a partir das quais se entrevê o sentido global. Os "espaços de incerteza" - o ilegível - remetem para todas as passagens obscuras ou ambíguas cujo deciframento solicita a participação do leitor.

Entretanto, Hamon e Otten concordam em distinguir duas dimensões na leitura: uma programada pelo texto, outra dependendo do leitor.

Todo texto em relação à leitura tem vários pontos de entrada e vários pontos de fuga. Os pontos de entrada correspondem a múltiplas posições do sujeito e os pontos de fuga são as diferentes perspectivas de atribuição de sentidos.

Os pontos de entrada são efeitos da relação sujeito-leitor com a historicidade do texto. Os pontos de fuga são o percurso da historicidade do leitor, em relação ao texto. Desta forma, os sentidos não caminham em linha reta. Eles saem da linha.

O sujeito-leitor que explicita as condições de produção de sua leitura, compreende. Compreender é conhecer os mecanismos pelos quais se põe em jogo um determinado processo de significação, é refletir sobre a (e não refletir a) função do efeito eu-aqui-agora. A compreensão é do nível da consistência de registro (coerência externa).

O sujeito que produz uma leitura a partir de sua posição, interpreta, atribui sentido, levando em conta o cotexto linguístico (coesão). A interpretação consiste na busca das ideias transmitidas pelo texto e essa atividade só se torna plena quando o leitor capta a mensagem central, identificando e relacionando os símbolos numa leitura intratextual e intertextual. Interpretar um texto não é dar-lhe sentido; é, ao contrário, apreciar de que plural é feito.

O leitor, de sua relação com o texto, vai tirar não somente um "sentido", mas também uma "significação". Esses dois níveis de compreensão são definidos da seguinte forma por Paul Ricoeur: o sentido remete ao deciframento operado durante a leitura, enquanto a significação é o que vai mudar, graças a esse sentido, na existência do sujeito. Existe, de um lado, a simples compreensão do texto e, do outro, o modo como cada leitor reage pessoalmente a essa compreensão. A significação é o "momento da retomada do sentido pelo leitor, de sua efetuação na existência" (*apud* JOUVE, 2002, p. 128).

O leitor constrói sua recepção decifrando os diferentes níveis do texto. Segundo Eco, o leitor parte das estruturas mais simples para chegar às mais complexas: dessa forma atualiza sucessivamente as estruturas "discursivas", "narrativas", "actanciais" e "ideológicas". Se o leitor pode realizar esta performance (atualizar os diferentes níveis de um texto), é porque dispõe de uma competência. E, esta competência compreende o conhecimento de um "dicionário de base" e "regras de correferência", a capacidade de detectar as "seleções contextuais e circunstanciais", a capacidade de interpretar o "hipercódigo retórico e estilístico", uma familiaridade com os "cenários comuns e intertextuais" e, enfim, uma visão ideológica.

A leitura é a prática do "desconstrucionismo", é fazer o texto explodir desconstruindo-o, porque os sentidos se fazem e se desfazem sem parar. O desconstrucionismo de Derrida inaugura uma leitura disseminadora e centrífuga e coloca em evidência que o sentido da leitura é não dominável.

Além de uma leitura centrífuga, podemos fazer uma leitura centrípeta, isto é, da superfície até o "centro vital interno" do texto:

- observar primeiro os detalhes na superfície visível;
- depois agrupar esses detalhes e procurar integrá-los ao princípio criador;
- finalmente voltar para todos os outros domínios de observação para ver se a "forma interna" que se tentou construir dá realmente conta da totalidade.

A leitura é um outro e não a face do idêntico, mas é nesse outro que se dá o significado do texto: portanto, é um procedimento distinto da escritura, mas é nele que esta se consuma.

Como estamos percebendo, a estrutura do texto e o ato de ler são atividades complementares: o texto se oferece como uma pré-estruturação, isto é, oferece as "pistas" que o leitor precisa encontrar para buscar a significação; o percurso do leitor, sem se distanciar do texto, imerso no texto e sempre além do texto, preenche os vazios e o horizonte interno do texto se abre.

A leitura permite ao leitor abrir janelas e mais janelas no texto, promovendo um encadeamento com outros textos e contextos, sem seguir necessariamente as trilhas já traçadas.

Leitura, seja imagem, seja escrita, é intertextualidade, é hipertextualidade. Cabe ao leitor puxar os fios, destecer os nós, ao mesmo tempo em que amarra outros fios, tece outros nós.

**O texto, enquanto se faz, é parecido com uma renda de Valenciennes que nasceria diante de nós sob os dedos da rendeira: cada seqüência engajada pende como o bilro provisoriamente inativo que espera enquanto seu vizinho trabalha; depois, quando chega sua vez, a mão retoma o fio, o traz de volta ao bastidor; e, à medida que o desenho vai se completando, cada fio marca seu avanço por um alfinete que o retém e que se desloca aos poucos (BARTHES, apud JOUVE, 2002, p. 93).**

Assim é a leitura, um ir e vir ao texto em todas as suas instâncias e aspectos para a (re)construção do sentido, o qual foi silenciosamente tecido pelo produtor mas, ao mesmo tempo, se mantém aberto às intervenções do leitor.

Observemos agora como se dá a atividade de produção textual.

Quando se fala em produção textual, não se considera - imediatamente - a complexidade e profundidade que envolve tal atividade de linguagem. Superficialmente visto como produto, o texto guarda, em seu íntimo, a trama e as minúcias de um processo.

Considerado, então, como produto e processo, o texto não só exhibe a configuração linguística que o envolve, mas também revela a situação comunicativa que o produz e pela qual é produzido.

Leitor-produtor, produtor-leitor. É nessa relação dialógica que se constrói o texto. Ponto de encontro, de parceria, de envolvimento entre sujeitos.

O texto é o ponto de partida e de chegada, é a via que une leitor e produtor. É a possibilidade de se evitar a distância, o isolamento, o abismo. O texto é o lugar social da interação. Por ele nos movemos; por ele temos comunhão de informações, ideias, intenções e emoções.

Bakhtin (1995, p. 113) afirma:

Toda palavra comporta duas faces: ela é tanto determinada pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige a alguém. [...] A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e o outro. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

Do mesmo modo, estendemos esta metáfora de Bakhtin para o texto, uma vez que este é a extensão da palavra. Para que uma ponte exista, é necessário que alguém a construa. Semelhantemente ocorre com o texto, pois como afirma Beaugrande (apud MARCUSCHI, 2008, p. 89): "Um texto não existe, como texto, a menos que alguém o processe como tal."

E como processar um texto em meio a tantos (desa)fiões?

O caminho que propomos parte da adoção de uma perspectiva sociointeracionista em que a produção textual é observada, tomada e abordada

como prática social. Neste sentido, consideramos que as condições de produção do texto exercem influência sobre a forma como o texto é organizado. Assim, na escrita é preciso considerar o momento da produção, os objetivos, o enunciador do texto, a quem se destina o texto (coenunciador), onde ele vai circular.

De acordo com Koch (2007, p. 11), o texto resulta de um tipo específico de atividade (*Sprachliches Handeln* - assim denominada por autores alemães) que diz respeito à realização de uma atividade verbal, numa dada situação, com vistas a certos resultados.

Ainda segundo a autora, toda atividade humana - e como tal a atividade de linguagem - teria os seguintes aspectos fundamentais:

- existência de uma necessidade/interesse;
- estabelecimento de uma finalidade;
- estabelecimento de um plano de atividade, formado por ações individuais;
- realização de operações específicas para cada ação, de conformidade com o plano fixado;
- dependência constante da situação em que se leva a cabo a atividade, tanto para planificação geral como para a realização das ações e a possível modificação do processo no decurso da atividade (troca de ações previstas por outras, de acordo com mudanças produzidas na situação).

Além disso, Koch (2007, p. 32) refere-se a três grandes sistemas de conhecimento - o linguístico, o enciclopédico e o interacional - colocados em uso pelo produtor durante o processamento textual e pelo leitor em seu exercício de leitura.

O conhecimento linguístico abrange o conhecimento gramatical e o lexical, ou seja, a articulação e organização do material linguístico na superfície textual. Já o conhecimento enciclopédico diz respeito ao conhecimento de mundo, aquele que se encontra armazenado na memória de cada indivíduo. O conhecimento sociointeracional refere-se ao conhecimento sobre as ações verbais, isto é, sobre as formas de interação através da linguagem. Consideramos, assim como essa autora, que tais conhecimentos são acionados simultaneamente durante a produção de um texto.

Assim sendo, uma vez arranjados pelo produtor, esses conhecimentos darão origem a um texto. O texto, por sua vez, apresentará relações co-textuais ou internas (texto texto) e relações socioculturais e situacionais específicas ou contextuais (texto contexto), as quais servirão de pistas para a compreensão e interpretação pelo leitor.

Segundo Marcuschi (2007, p. 96), a textualização marca uma relação muito estreita entre autor - texto - leitor, pois é ela que vai garantir ao texto sua legibilidade.

O texto, então, como processo e produto, abrangerá tanto uma configuração linguística (co-textualidade) em que se dispõem os critérios de coesão e coerência, quanto uma situação comunicativa (contextualidade) na qual estão presentes os seguintes critérios: aceitabilidade, informatividade, situacionalidade, intertextualidade e intencionalidade. Portanto, ao produzir um texto, o indivíduo

coloca em jogo não só sua competência linguística como também se articula, com certo propósito, a uma situação comunicativa.

Visto deste modo, o texto será lugar de encontro e desencontro, de partida e chegada, de construção e desconstrução.

Assim é o caminho da produção textual e da leitura.

## **CAMINHOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE UM LEITOR ESCRITOR / CRÍTICO NO ENSINO SUPERIOR**

Como desenvolver, no Ensino Superior, habilidades para uma leitura crítica e uma escrita verdadeiramente coerente e coesa que viabilizem um melhor aproveitamento das disciplinas componentes do curso escolhido pelo aluno, seja na área de humanas, exatas ou biológicas, bem como no âmbito social mais amplo?

Eis, então, nossa proposta.

## **OS DEGRAUS DA LEITURA E DA PRODUÇÃO TEXTUAL**

*"Escrever emana do ler, tal um jogo quiasmático,*

*onde o ler esteve para o escrever,*

*como o escrever estivera para o ler".*

*Nellyse A. Melro Salzedas*

Nossa proposta, em termos de leitura crítica, inicia-se com a seleção dos textos para leitura, que deve ocorrer em nível de dificuldade crescente, ou seja, de uma forma narrativa simples, por exemplo, para formas de produção mais complexas. Vale ressaltar, ainda, outro ponto igualmente importante: levar em consideração que todo indivíduo, ao se aproximar de um texto, traz consigo um "horizonte de expectativas", isto é, um sistema de referências ou um esquema mental de espera (expectativas), que precisa ser reconstruído se pretendemos viabilizar uma relação dialógica entre texto / leitor.

Após tais cuidados, parte-se para a desconstrução e o desvelamento do texto escolhido, a fim de atingir a compreensão: distinguir ideias-chave de ideias-secundárias, verificar a coesão entre ambas e a sequência lógica que compõe o todo textual; estabelecer a ideia-matriz (que poderá ser o título do texto, uma palavra-chave ou, até mesmo, uma palavra criada pelo leitor expressando a ideia sugerida pelo texto); elaborar um esquema de ideias (matriz + as que a complementam), também chamado de fluxograma (Anexo 1). Tal abordagem permite um entendimento literal da mensagem, em que vemos o texto pela óptica do autor.

Será o domínio dessa compreensão que permitirá o próximo passo ou o alcance do degrau seguinte: a interpretação, fase em que, a partir da discussão que os temas abordados ensejam, posicionar-se em relação às mesmas, expressando juízos de valor e buscando a aplicação de tais ideias em outros contextos. Desse modo, o

leitor vislumbra a estrutura do texto, tanto no nível discursivo como no narrativo, indo da estrutura superficial para a profunda, caminhando para uma fusão de horizontes do texto e do leitor, que o prepara para a produção textual. Assim, à medida que o desenvolvimento da leitura vai ocorrendo, tem início um processo de observação/reflexão a respeito da estrutura dos textos, das características de cada gênero e as primeiras produções escritas vão acontecendo. Estimula-se, então, uma leitura crítica da própria produção, seguida de outras leituras, igualmente críticas, feitas pelos colegas de classe e pelo professor. Conforme tais leituras são feitas, busca-se conhecer um tanto mais sobre coesão e coerência no processo de elaboração de um texto. Discute-se como isso ocorreu nas produções por eles elaboradas, buscando, cada vez mais, um aperfeiçoamento da escrita.

## CONCLUSÃO

Se a leitura é importante na obtenção de conhecimentos, na alteração de posturas e é também um dos caminhos para a formação da cidadania, a escrita perpetua o registro destas transformações, proporcionando que outros, em momentos diversos, interajam e acrescentem novas conquistas.

Deste modo, leitura e escrita vão caminhando lado a lado e, de tal interação, partindo da leitura para a decodificação e desta para a codificação, temos que o saber ler, leva ao saber escrever, a organizar as ideias, estruturar o pensamento, calcular o peso significativo e simbólico de cada palavra.

## REFERÊNCIAS:

ARANTES, H.A.G. **Mídia impressa e leitor: uma leitura crítica e polissêmica**. 2005. 128f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Poéticas Visuais) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira, 7. ed. São Paulo: HUCITEC, 1995

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J.Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1973

CASTRO, Adriane B. B. de et al. **Os degraus da produção textual**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. 2.ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001

JOUBE, Vincent. **A leitura**. Trad. Brigitte Hervoir. São Paulo: Editora UNESP, 2002

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2007

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

REMAEH, C.M.R. **Da Universidade para a vida: o leitor em construção**. 1999. 120f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Poéticas Visuais) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 1999.

SÁ, Léa Sílvia B. C. et al. **Os degraus da leitura**. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

SÁ, Léa Sílvia B. C. **Da criação à globalização: Michelangelo e o processo de re-criação**. 2004. 145f. Tese (Doutorado em Comunicação e Poéticas Visuais) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2004.

## ANEXO 1

### O cientista é uma pessoa que pensa melhor do que os outras?

Antes de mais nada é necessário acabar com o mito de que o cientista é uma pessoa que pensa melhor do que as outras. O fato de uma pessoa ser muito boa para jogar xadrez não significa que ela seja mais inteligente do que os não jogadores. Você pode ser um especialista em resolver quebra-cabeças. Isto não o torna mais capacitado na arte de pensar. Tocar piano (como tocar qualquer instrumento) é extremamente complicado. O pianista tem de dominar uma série de técnicas distintas – oitavas, sextas, terças, trinados, *legatos*, *staccatos* – e coordená-las, para que a execução ocorra de forma integrada e equilibrada. Imagine um pianista que resolva especializar-se (...) na técnica dos trinados apenas. O que vai acontecer é que ele será capaz de fazer trinados como ninguém – só que ele não será capaz de executar nenhuma música. Cientistas são como pianistas que resolveram especializar-se numa técnica só. Imagine as várias divisões da ciência – física, química, biologia, psicologia, sociologia – como técnicas especializadas. No início pensava-se que tais especializações produziriam, miraculosamente, uma sinfonia. Isto não ocorreu. O que ocorre, frequentemente, é que cada músico é surdo para o que os outros estão tocando. Físicos não entendem os sociólogos, que não sabem traduzir as afirmações dos biólogos, que por sua vez não compreendem a linguagem da economia, e assim por diante.

A especialização pode transformar-se numa perigosa fraqueza. Um animal que só desenvolvesse e especializasse os olhos se tornaria um gênio no mundo das cores e das formas, mas se tornaria incapaz de perceber o mundo dos sons e dos odores. E isto pode ser fatal para a sobrevivência.

O que eu desejo é que você entenda o seguinte: a ciência é uma especialização, um refinamento de potenciais comuns a todos. Quem usa um telescópio ou um microscópio vê coisas que não poderiam ser vistas a olho nu. Mas ele nada mais são que extensões do olho. Não são órgãos novos. São melhoramentos na capacidade de ver, comum a quase todas as pessoas. Um instrumento que fosse a melhoria de um sentido que não temos seria totalmente inútil, da mesma forma como telescópios e microscópios são inúteis para cegos, e pianos e violinos são inúteis para surdos.

A ciência não é um órgão novo de conhecimento. A ciência não é a hipertrofia de capacidades que todos têm. Isto pode ser bom, mas pode ser muito perigoso. Quanto maior a

visão em profundidade, menos a visão em extensão. A tendência da especialização é conhecer cada vez mais de cada vez menos.

ALVES, Rubem. In: VIANA, Antonio Carlos et al. **Roteiro de redação: lendo e argumentando**. São Paulo: Scipione, 1998, p.128-9

### **Leitura de contato:**

- Leitura rápida, sem se deter em algum trecho ou mesmo sem recapitular.
- Fase superficial, em que ao observarmos o título, alguns parágrafos..., captamos a tendência geral da obra.

### **Releitura:**

- Anotar as ideias principais
- Sublinhar as palavras-chave (e aquelas que exijam uma consulta ao dicionário)
- Observar se as palavras sublinhadas são as mais importantes de cada parágrafo, se aparecem repetidas, modificadas, retomadas por sinônimos...

## **Palavras-chave do texto:**

especialização

conhecimento

ciência

### **Confirmam:**

- No 1º parágrafo, temos:
    - cientista
    - especialista
    - especializar-se
    - ciência
    - técnicas especializadas
    - especializações
- portanto:
- ciência / especialização

- **No 2º parágrafo:**

especialização                      portanto:  
especializasse                      especialização

- **No 3º parágrafo:**

ciência                      } portanto:  
especialização            } ciência / especialização

- **No 4º parágrafo:**

ciência                      } portanto:  
conhecimento              } ciência / especialização  
especialização            } conhecimento  
conhecer

**Idéias-chave (ou principais) = obtidas através das palavras-chave (constituem a linha de raciocínio sugeridas pelo autor.**

- **Título:** O cientista é uma pessoa que pensa melhor do que outras? = primeiras pistas

**Esquematizando:**

**1º parágrafo** = resposta e posicionamento do autor:

“...é necessário acabar com o mito”  
“Você pode ser um especialista em...”  
“...isto não o torna mais capacitado na arte de pensar  
“...as várias divisões da ciência como técnicas  
especializadas não produziram a sinfonia esperada

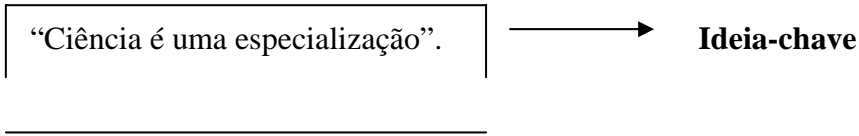
→ **Ideias-chave**

**2º parágrafo:**

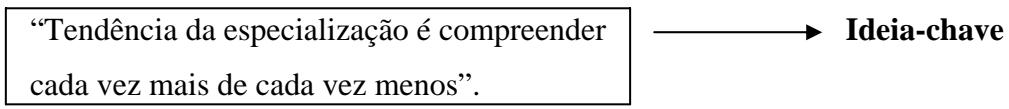
“Especialização transforma-se numa fraqueza”.

→ **Ideia-chave**

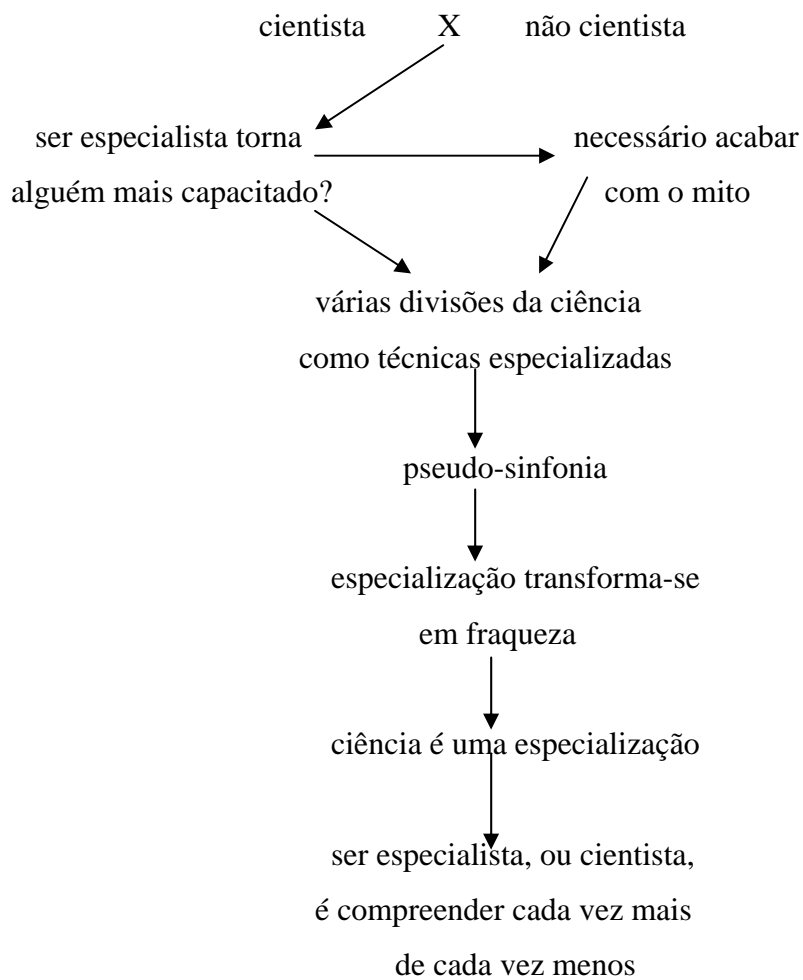
**3º parágrafo:**



**4º parágrafo:**



**Gráfico (Fluxograma):**



**Ou ainda:**

